

"A perda do simbólico, da sua estratificação e da sua profundidade, é um dos sinais mais evidentes e dramáticos da crise de sentido que atravessa a nossa civilização. Uma civilização que luta para contar contos de fadas às crianças e cantar canções infantis é uma civilização que perde a alegria". ANITA PRATI.



os seis gatos de nossa Senhora

"A perda do simbólico, da sua estratificação e da sua profundidade, é um dos sinais mais evidentes e dramáticos da crise de sentido que atravessa a nossa civilização. Uma civilização que luta para contar contos de fadas às crianças e cantar canções infantis é uma civilização que perde a alegria", escreve

ANITA PRATI,

professora de Letras no Instituto Estatal de Educação Superior "Francesco Gonzaga", publicado por Settimana

News,

10-12-2023.

Anatureza, nestes dias de dezembro marcados pela escuridão e pelo frio, recolhe-se à espera e torna-se nossa professora: as tardes são tão curtas que à hora do jantar já é noite, e a escuridão para além dos

vidros convida-nos a desfrutar do calor e da intimidade de casas.

Quando eu tinha filhos pequenos, as tardes e noites anteriores ao **Natal** eram um momento especial, dedicado ao artesanato, às histórias e às canções. Entre as inúmeras canções do nosso repertório doméstico, uma **canção infantil** voltava ano após ano para acompanhar as longas noites de dezembro.

Há algumas noites, com os filhos já crescidos e de uma forma totalmente inesperada, esta **canção infantil** ressurgiu das memórias. Com grande alegria mútua começamos a cantá-la: Criança no berço, a lua e o sol, quem criou o mundo foi o Senhor, foi o Senhor.

Transmitida desde os primórdios dos tempos, sabe-se lá como e quem sabe por quem, talvez de origem **celta**, talvez de

origem do **Médio Oriente**, a cantiga infantil desenvolve-se segundo um percurso numérico que assume a forma de um eficaz compêndio teológico: os quatro evangelistas, os cinco preceitos, os sete sacramentos, as oito bem-aventuranças, os nove coros angélicos, os dez mandamentos.

Mas **Criança no Berço** (*Bambino nella culla*) é, acima de tudo, uma canção de **Natal**. Os três primeiros números da canção infantil traçam um **presépio** com pinceladas rápidas: um é o Menino, dois são o burro e o boi, três são os três santos Reis Magos. Depois, à medida que o canto continua, as imagens da tradição se entrelaçam com os “elevados” conteúdos teológicos e os **seis gatos de nossa Senhora** são inseridos, com absoluta naturalidade, entre os

cinco preceitos e os sete sacramentos.

Na gruta de **Belém** - segundo o imaginário poético popular - não havia apenas um burro e um boi aquecendo com o seu hálito o Menino Deus: uma gata, que se agachava na manjedoura com os seus cinco gatinhos, guardava o **Menino Jesus** com o calor de seu corpo. **Maria**, para agradecer-lhe tanto cuidado maternal, acariciou-lhe a testa. É por isso que, ainda hoje, entre os olhos dos gatos malhados a cor do pelo desenha claramente um “M” – o “M” de **Maria**.

Bebé no berço, a lua e o sol... Uma canção infantil. Um jogo de palavras, um trocadilho. Um resumo da *Biblia Pauperum*. Um conto de fadas infantil, no máximo. O que o burro, o boi, os Magos – Magos sim, mas não três e nem mesmo reis – e os gatos de **nossa Senhora** têm a ver com a **verdade evangélica?**

CONCERTO DE NATAL PARA GAZA



OLHO MUITAS VEZES PARA OS desenhos de VASCO, que guardo como preciosidades, para mitigar saudades que temos de nós próprios e perceber como o gume da memória por vezes nos traz ao confronto dos dias que passam para nos inquietar as sucessivas mortes da civilização a que vamos assistindo, num mundo que há muito parece ter desistido dos valores que definem a comum Humanidade. A longa narrativa da História é feita de crimes, de matanças de inocentes, de violências, de torturas visíveis e invisíveis, de guerras e cruzadas legitimadoras, de fogueiras contra heresias, de mares de sangue onde o coração da humanidade todos os dias é assassinado. Há, neste século XXI da vergonha, um colapso civilizacional, que nos oferecem como fatalidade do presente e ameaça do futuro, se futuro houver. Nos últimos dias cruzei várias vezes o olhar com o quadro dum artista genial chamado VASCO, e sempre que os olhos poisavam na força das suas linhas negras, pensava em Gaza e nessa outra banalidade do

mal, na brutal realidade de um cemitério a céu aberto, onde a sombra da morte cobre tudo. Ela está presente, nas cidades feitas escombros, nos ferros retorcidos dos edifícios, nos milhares de cadáveres (quantos inseultos?) -- mulheres, velhos, crianças -- na esperança morta dos que esperam a sua vez. Há um povo encurralado, preso, alvo já pouco móvel, dos bombardeamentos assassinos, das bombas que caem sobre hospitais e escolas, Na filmografia da informação avisam que há cenas que podem ferir a sensibilidade dos que ainda olham e não fecham os olhos à tragédia humana sem limites. Há sempre sangue a pintar corpos de crianças, meninos embrulhados em sacos brancos de plástico, olhos esbugalhados de terror, e choros e gritos, a caligrafia do desespero.

A caricatura de VASCO é um grito desmedido, um silêncio, uma denúncia. Olho outra vez o quadro, enquanto na televisão gerais e políticos assassinos, cujo nome não quero repetir, arvorados em estratégias de missão divina, dizem que a prioridade é matar e lavam as mãos no sangue da sua fanática teocracia. O *requiem* pela humanidade pode prosseguir. Os mortos estão quietos e silenciosos.

FERNANDO PAULOURO NEVES.
Jornalista

<https://mail.google.com/mail/u/0/#inbox/GTvVlcSHv nzNxdtcRxpCCThpcfHMHJqJdHpRqDxFksvRKqts WXcJWcnjgctJcQmTlPwxjsCBfMXv> (20.12.23)